



O HOMEM NOVO

Henrique Almyr Masiero

FREUD talvez explique o motivo pelo qual todo homem prepotente, dono do poder ou da força, julga entender que lhe cabe o supremo direito de destruir o que é velho. É como se o que é velho não lhe fosse passivo mas extremamente perigoso. Ou então é uma forma de autodestruição.

Desde os tempos bíblicos parece ter o homem o desejo incontestado de estabelecer a Nova Ordem, porque ela poderá produzir o HOMEM NOVO, como se o homem ou a comunidade fossem apenas uma realidade biológica e não verdadeiramente humana.

O mundo, há séculos, assiste, impotente, a falsos profetas eliminando gerações de velhos e coisas velhas, na tentativa de gerar o HOMEM NOVO. O Dilúvio ou Noé talvez tenham sido as primeiras experiências, tentativas, de modificação da velha ordem. Seguem-se a estes os tiranos do velho Oriente e da Ásia. Ainda vêm à mente os massacres de Hitler e a

sua fixação nietzchena da criação do Super-homem, (o HOMEM NOVO) a partir da união de belos exemplares (homens e mulheres) da "super-raça alemã", quando assistimos, entorpecidos pela euforia publicitária do Nazismo, os sorrisos abertos das fêmeas, escolhidas a dedo, pela soberana ordem alemã, condicionadas, a receberem honrosamente — era uma distinção ser a geradora de nova raça — o semên do macho. O cenário artístico e belo, adredemente preparado — casas com lindos gramados e florestas de pinheiros caracterizavam a pureza da natureza, local ideal para a fabricação do HOMEM NOVO. Assim a frescura das faces das belas fêmeas traduziam (aparentemente?) a felicidade suprema.

O homem velho e as coisas velhas tinham sido destruídas.

E o HOMEM NOVO morrera antes de nascer.

O saldo da experiência foi melancólico e brutal.

Agora vejamos como Lenine aspirou, na sua concepção marxista, a estabelecer a Nova Ordem e a criação do NOVO HOMEM.

O "paraíso comunista" só se consumará quando a "responsabilidade já não reside no homem mas sim nas condições econômicas". O homem é um instrumento da vontade do Estado e como tal deve ser forjado e criado segundo os parâmetros da própria filosofia comunista. A meta final do comunismo não é senão a criação do HOMEM NOVO. Se a revolução tomou o poder não bastou para fortalecer a base que sustentará o paraíso do proletariado. Há que se fazer algo mais que a destruição dos velhos e das coisas velhas. Em seu livro *Da Revolução*, Lenine é bem claro quando declara que é necessário para fortalecer e estabelecer a Nova Ordem, a definição de novos valores, o estabelecimento de novas normas, a modificação dos comportamentos. Mas para dar segurança a tudo isto é imprescindível a criação do HOMEM NOVO. Somente ele será capaz de viver no mundo utópico pois que a ele foi dado o privilégio de viver do prazer e da glória. O velho e tudo que precede o HOMEM NOVO deve ser destruído, pois influenciará perniciosamente no futuro.

A única força capaz de superar e extirpar os entraves do seu objetivo seria a Revolução Cultural. Para tanto, teria que estabelecê-la em três fases: primeira tarefa — extirpar o analfabetismo; segunda tarefa — a ocupação de todos os campos culturais por forças especializadas e instruídas dentro da nova ideologia; terceira tarefa — a apropriação do legado técnico e científico do mundo pré-revolucionário.

Lenine visualizou, na sua concepção de Estado Comunista, não que ele nasça da própria natureza do homem mas sim

da criação artificial e exploradora desse próprio homem. No seu apetite egoísta admitiu haver duas culturas-artes: a dos exploradores, e portanto antipopular e a outra "democrática, a expressar o pensamento e os sentimentos do povo".

A institucionalização do seu desejo estaria ligada a um compromisso ideológico a que deveriam estar voltadas as obras, artes, para que todos pudessem compreendê-las e acolher-lhes a mensagem. O HOMEM NOVO não poderia por certo, no caso, aperceber-se com a cultura e a arte antipopular dos "exploradores".

Para isso a criação do homem do futuro Estado russo estaria por certo inspirada na Lei da Transformação de Marx, na qual afirma que o "crescimento quantitativo produz, frequentemente, saltos na natureza". O resultado desses saltos, são as novas qualidades ou espécies que surgem. Dessa forma estava Lenine justificando, com a destruição da cultura velha, o salto para o aparecimento do novo homem.

Observou Lenine que o Determinismo Econômico de Marx, através do qual seria suprimida a propriedade privada sobre os meios de produção, a fim de eliminar a exploração do homem pelo homem e sua revolução política pela qual o poder passa da burguesia para a classe operária, só poderia ser realizada pela Revolução Cultural.

O instrumento concebido por Lenine teria que sustentar os dois princípios básicos da Revolução Comunista: que a propriedade privada, tal como hoje a conhecemos, é produto de um longo processo de evolução. Que a propriedade em comum era a característica dos homens nos tempos primitivos, e que ela surgiu quando a sociedade já havia atravessado um primitivo período de comu-

nismo e também o de que "o governo forte das massas é absolutamente necessário a uma conquista afortunada". Esta conquista, através da Revolução Cultural, levará o proletariado a "construir por si só seus palácios de culturas", criar suas músicas autênticas e expressivas, organizar belos e opulentos espetáculos nos quais não se poderá distinguir povos e atores.

Não são poucos os escritores que nararam os horrores da Revolução Comunista na Rússia e os massacres nunca antes conhecidos.

Boris Pasternak em seu romance *Dr. Jivago* escreve que, por mais de 30 anos, a Rússia viu seus girassóis, avermelhados e manchados pelo sangue de milhões de inocentes.

Na Polônia, Hungria, Tchecoslováquia, Bulgária e Alemanha Oriental, o esquema da Revolução Russa também foi implantado.

Entretanto, se a tentativa da criação do HOMEM NOVO através da Revolução Cultural durou 30 anos na Rússia, num processo lento e duradouro, já na Coreia do Norte e Camboja o mesmo não se dá. "A destruição, o massacre dos homens velhos, tem que ser rápida".

O mundo assiste atônito, estático, como sempre, um Pol Pot sequioso para criar o modelo do HOMEM NOVO para a humanidade. "O Camboja precisa se renovar". Mas esta renovação só será possível através da matança do homem velho. Não importa como matá-lo — extirpado fisicamente, massacrado, enforcado, expulso, fuzilado. Não importa. O que importa é eliminá-lo para dar lugar ao HOMEM NOVO.

Assim Pol Pot, a exemplo dos profetas comunistas e donos das vidas que não criaram, eliminou professores, escritores, jornalistas, homens e mulheres

de certa idade, por não mais poderem contribuir para a criação do futuro promissor que o Camboja merece. Pol Pot era o dono da vida e da morte. E não faltou na sua mente louca a imitação dos Hitleres do passado — casamentos ou união de homens e mulheres, somente os escolhidos pelos representantes da futura ordem nova e segundo "o Plano Coletivo traçado pelos forjadores do homem futuro".

Não seria tão difícil o levantamento de quantas vezes o mundo ocidental fez referências ao fato. Falou-se sim, do tirano e da maneira como intentava a sua utopia. As reportagens fotográficas, a televisão, os jornais disputam em dados estatísticos, a mostra dos milhões de pessoas sacrificadas pelo tirano, como se o crime de uma, de um milhão ou milhões não tivesse a mesma importância, e mesmo como se a implantação do HOMEM NOVO fosse "mensurável e contabilizável".

Para Pol Pot os velhos, os irrecuperáveis, cometeram o pecado de terem nascido nos tempos obsoletos.

Na China, a exemplo de outros países totalitários, onde o soberano senhor do Partido é o dono da vida e da morte, onde se joga com as pessoas como se fossem meros números, o fenômeno da criação do HOMEM NOVO não foi diferente. Apenas um fato se registrou como novidade, a criação do HOMEM NOVO foi legalizada, estruturada, planejada, as regras e as atividades bem definidas.

Apenas foi mudado o cenário e o local, pois a expressão filosófica de Mao em nada modificava o pensamento russo, porquanto, segundo ele, as conquistas políticas (poder) e econômicas (meio de produção) não modificam ainda o próprio homem, porque este é, de certo modo, um repertório de valores, idéias,

pensamentos e normas que lhes foram transmitidas antes da Revolução. As obras de arte e a cultura dos antepassados será a pior arma contra a criação do HOMEM NOVO.

Em 1966 estaria tudo pronto para desencadear na China a tão conhecida revolução Cultural. Foi institucionalizada por um decreto que definiria os alvos desta revolução: relíquias do passado, antigas idéias, antiga cultura, antigos costumes e usos. Tudo considerado armas perigosas nas mãos dos exploradores do povo, pois serviria para "corromper as massas, conquistar seus corações e restaurar o sistema burguês".

O grande Mao, já senil, decrépito, seria o timoneiro a conduzir a Revolução Cultural e somente ele era o senhor da vida e da morte. Por discordar em parte do grande sentido dado pela Revolução Liu Tchao-Tchi e Deng Xiaoping, líderes como Mao, passaram a representar um perigo para o grande projeto e "conseqüentemente revelaram sua face-ta burguesa".

Assim se deu a Revolução Cultural na China.

"Em 1966 os membros da Liga da Juventude Comunista foram separados em dois grupos — os que descendiam de burgueses foram separados dos filhos dos operários e camponeses. "Os filhos dos burgueses constituíam um perigo para a formação do HOMEM NOVO".

O interessante é que o homem tem a memória curta e fraca quando lhe interessa. Por acaso o pai de Marx, não foi um judeu, filho de um rabino burguês? É Lenine? Seu pai não foi comerciante burguês? Mas não é conveniente lembrar.

Durante 6 meses foram interrompidas as aulas nas escolas e universidades. Os jovens proletários, fanatizados pelo soberano Mao formaram as famosas Bri-

gadas Vermelhas com as seguintes missões: cortar as tranças das moças, porque isso representava a imagem da obsolescência ideológica, alteraram nomes de ruas, destruíram certos museus cujos acervos não eram adequados para a implantação da marcha para o grande futuro.

Mas e os jornais? Foram substituídos pelos Dazi Pao, periódicos murais "escritos em grandes letras", símbolo da libertação dos meios de produção das mãos dos inimigos do povo".

Por que o Dazi Pao? Segundo a Revolução Cultural, o Dazi Pao seria a auto-liberação do jovem mediante sua criatividade. Naqueles muros (Dazi Pao) o jovem deixava impresso seus anseios, seus sonhos que não haviam sido preparados pelos órgãos de manipulação das massas. "Tratava-se, talvez, de uma enorme sessão de terapia de 900 milhões de seres frustrados". Para a Revolução Cultural o que o trabalhador ali deixa gravado reproduz o mundo vivido e que todos compreendem, sobrepondo-se assim ao mundo cultural burguês. Ali eram escritos poemas, e tudo que o proletário, condicionado pela Revolução desejava expor. O estímulo para este ato vinha das palavras de Wanng Li, presidente da Comissão Central da Revolução Cultural. "Ataque com palavras, defenda com armas".

Entretanto, a Revolução Cultural esqueceu-se de que a palavra era também uma obra do passado e talvez das armas mais perigosas que era invariavelmente incorporada ao NOVO HOMEM. Pois as palavras por mais que modifiquem o seu código, trazem consigo normas sociais inconscientes, queiram ou não, herdadas do passado.

Acreditavam os mentores da Revolução que após a destruição dos padrões

comportamento antigos e da velha cultura, substituída pela nova, os jovens devem trabalhar na agricultura, estudar e participar da Revolução Cultural, pois de maneira alguma pode permitir a diminuição da produtividade. O HOMEM NOVO daria nova força aos projetos de desenvolvimento do país. E além disso a cultura socialista deve ser entendida como conceito coletivo, para a literatura, artes, ciência, etc.

Dizia Ye Jiang-Ying, vice-presidente do Comitê Central do PC: "A cultura é o reflexo da sociedade. Durante séculos a arte ou a literatura nasciam do espírito do homem; do homem criativo, como a fecundação irrompe de um só ato de ejaculação individual".

Após essa transformação cultural em curso o HOMEM NOVO foi isolado dos costumes do passado, sem discussões, pois para ele era parte de uma massa necessária, não estaria feliz? Por acaso sua natureza não seria também coletiva?

Mas na implantação do HOMEM NOVO, de Átila a Pol Pot, todos se esqueceram de que os formuladores do HOMEM NOVO eram homens velhos e não tais seminados pela cultura e hábitos do passado.

Morreu a Revolução Cultural na Rússia, na China e Camboja. Hoje o povo cambojano acabou: "era constituído por homens velhos que foram mortos".

Mas o HOMEM NOVO não apareceu. Acabou a Revolução Cultural na China com ela a destruição de livros e muitos dos seus autores, museus, quadros (e pinturas dos seus pintores). Pelo contrário permanecem como mentores do velho os homens velhos anteriores ideologicamente a Mao, fracassou a instituição dos Guardas Vermelhos e com eles fracassou o ato gerador do HOMEM NOVO.

A propósito, da destruição dos velhos e criação do HOMEM NOVO, conta-se que o Gen Muniz de Aragão encontrava-se reunido com amigos, no Clube Militar, a comentar os problemas mundiais relativos à superpopulação. Aproximava-se do grupo um jovem senhor, que também interessado no assunto, diz defender a teoria de um filósofo alemão que preconiza a morte do homem aos 60 anos. Dizia ele que esta morte seria solene e no dia do aniversário do sexagenário. Um amigo, durante a festa, seria encarregado de colocar em seu copo, na hora do tradicional drinque, a pílula da morte. E todos comemorariam o evento.

Não lembrou-se, por certo, que ali estavam homens de mais de 60 anos. O Gen Aragão teria na ocasião seus 63 anos.

Surpresos, todos, com a brutalidade da filosofia, diz o General:

— Então estaríamos vivendo a época das pílulas: a anticoncepcional e a dos 60 anos.

Completando disse:

— Eu que sempre fui contra a pílula anticoncepcional, a partir deste momento seria um seu fiel defensor.

Surpreso, o jovem defensor da filosofia alemã lhe pergunta o porquê:

Diz o General:

— É porque ela não permitiria que homens como o senhor e os defensores desta filosofia tão brutal pudessem ter nascido.

E concluiu:

— É lastimável que o senhor tenha nascido antes dela ser inventada.

Aldous Huxley no seu *Admirável Mundo Novo* previa o homem concebido na garrafa. Dizia ele que desta forma ao ser desengarrafado no ato de nascer, surgia puro e imune das tradições indignas de serem mantidas, e que fa-

cilmente poderia ser manejado, manipulado.

Vejamos alguns conceitos de Jaques Maritain sobre Nação:

"Uma Nação é uma comunidade de pessoas que se tornam conscientes de si mesmas, à medida que a história as foi formando, que preservam como um tesouro o seu próprio passado, que se unem a si mesmos segundo crêem ou imaginam ser, com uma certa introversão inevitável."

"A Nação tem uma vocação histórica, que na sua própria vocação (como se existissem certas nômadas nacionais, primordiais e predeterminadas, cada uma das quais possuísse uma missão suprema), mas que é apenas uma particularização histórica e contingente da vocação do homem ao desenvolvimento e à manifestação de suas múltiplas potencialidades" (O Homem e o Estado).

O que podemos concluir é que o HOMEM NOVO como quis Stalin, Lenine, Mao e outros, fundado na teoria econômica, não foi e nunca será possível porque Marx esqueceu-se de que os homens não crêem que todas as suas necessidades sejam apenas de caráter econômico. Até aqueles mais afortunados e que possuem abundante riqueza material,

comproam que a felicidade duradoura e autêntica não se encontra nela.

E não duvidamos de que por certo aparecerão novos Messias, embebidos do poder da vida e da morte, que tentarão criar o HOMEM NOVO. A África e o Oriente ainda assistem aos massacres de seus filhos.

A maior incoerência, entretanto, está no fato de que Lenine, fiel cumpridor e executor das teorias de Marx, na sua terceira tarefa, ou seja, apropriar-se do legado técnico e científico do mundo pré-revolucionário tinha a exata consciência de que alguns homens velhos poderiam lhe ser úteis, como realmente o foram. E assim foi também na China e em outros países onde os soberanos da vida tentaram criar o HOMEM NOVO. Eis pois o sentido mais importante de tudo que falamos pois separa-se e se aproveita aquilo que se acha bom e mata-se o que não presta. Este é o crime maior.

E perguntamos: Mas por que o HOMEM NOVO? Por acaso, cada um, por mais velho que seja, não traz consigo, vontades e esperanças? E a vontade e a esperança já não albergam em cada um o HOMEM NOVO?



O Ten Cel Inf QEMA Henrique Almyr Masiero foi declarado Aspirante a Oficial em 19 de dezembro de 1957. Além do curso de preparação a oficial da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN), tem os da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais (EsAO) e da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (ECEME).